

Perspectivas dialógicas entre “Futuro ancestral” e o “O antigo futuro”

Juliana Marafon Pereira de Abreu

Desleitura

ISSN 2764-006X — Número 15 - jan. | fev. 2026

[Recebido em 10 jan. 2026, aceito em 02 fev. 2026]

DOI: <https://doi.org/10.56372/desleitura.v15i15.233>

Juliana Marafon Pereira de Abreu
Doutoranda e Mestre em Literatura e Práticas Sociais
(Universidade de Brasília). Licenciada em Letras – Português/Inglês e suas respectivas Literaturas (CEUB).
E-mail: jmarafonpereira@gmail.com

Resumo: Neste ensaio analisaremos dialogicamente a definição de “tempo” em duas obras da literatura brasileira contemporânea: *Futuro ancestral*, de Ailton Krenak, e *O antigo futuro*, de Luiz Ruffato, ambas publicadas em 2022. Em Krenak, o registro do passado pelas gerações anteriores está intimamente conectado com o que podemos chamar de “personificação do futuro”, no sentido de conferir identidade ao grupo pelo reforço do laço sagrado entre homem e natureza. Em Ruffato, por sua vez, a ordem regressiva do tempo narrativo (presente para passado) retrata uma dinâmica ausente de grandes mudanças, sobretudo socioeconômicas, na vida de imigrantes italianos e seus descendentes no Brasil. O diálogo entre as obras é promovido pelas considerações sobre a definição de tempo oferecidas por Henri Bergson e por Sidney Barbosa, de maneira a problematizar as dimensões do fenômeno “tempo”, estabelecendo o contraponto entre a ficção e a realidade.

Palavras-chave: Tempo. Futuro. Passado. Diálogo.

Abstract: In this essay, we will dialogically analyze definition of “time” in two works of contemporary Brazilian literature: *Ancestral future*, by Ailton Krenak, and *The old future*, by Luiz Ruffato, both published in 2022. In Krenak, the recording of the past by previous generations is closely connected to what we might call the “personification of the future”, in the sense of conferring identity on the group by reinforcing the sacred bond between man and nature. In Ruffato, on the other hand, the regressive order of narrative time (present to past) portrays a dynamic absent of major changes, especially socio-economic ones, in the lives of Italian immigrants and their descendants in Brazil. The dialogue between the works is promoted by the considerations on the definition of time offered by Henri Bergson and Sidney Barbosa, in order to problematize the dimensions of the phenomenon of “time”, establishing a counterpoint between fiction and reality.

Keywords: Time. Future. Past. Dialogue.

Considerações iniciais

Este estudo tem como proposta estabelecer questionamentos dialógicos sobre o Tempo em diferentes perspectivas, pois, para pensar este tema, é preciso ampliar o entendimento de finitude ou de infinitude que está relacionado a ele. Tentaremos apresentar algumas impressões que envolvem o Tempo, mas percebemos sua variação nos mais diversos contextos.

Esse assunto é parte de constantes debates e conversas, tanto na sociedade quanto no contexto intelectual de pesquisas acadêmicas. Isso demonstra que estamos inquietos ou empenhados a desvendá-lo – seja pelo viés filosófico, humanista, histórico, social, artístico ou literário – e buscamos compreender algo que por vezes não está descortinado ao nosso vão conhecimento.

Pretendemos abordar o Tempo tanto pela percepção de pensadores teóricos quanto pela da arte literária e, com isso, intencionamos não limitar as situações aqui apresentadas a conceitos restritos e únicos, pois queremos alongar este estudo no sentido de motivar outras concepções, fazendo com que o Tempo se prolongue na sua passagem, seja na da presente leitura aqui revelada ou na das possíveis reflexões que irão florescer a partir dela.

Um breve cenário sobre o estudo do Tempo

Quando pensamos o Tempo temos um caminho amplo e com diferentes perspectivas. Seja ele filosófico, histórico, sociológico, biológico, psicológico ou literário, a questão é que, enquanto pensamos nele, sua passagem nos escapa pelas mãos; ou seja, não há como eternizá-lo, pois ele é efêmero, mas há como ampliá-lo em nossa memória, seja ela afetiva ou intelectual.

Segundo Sidney Barbosa:

Por mais distendida que seja nossa trajetória sobre a face da Terra, encontrará necessariamente um ponto final e esse momento nos pare-

cerá, subjetivamente, um acontecimento prematuro. O tempo e o seu permanente e misterioso deslocamento poderiam, assim, ser considerados a grande questão humana, diante da qual apresentamo-nos impotentes e perplexos permanentemente (Barbosa, 2009, p. 118).

Em sua obra *A ideia de tempo*, o filósofo Henri Bergson define uma concepção de vida sensivelmente relacionada ao movimento. Para esse autor:

Viver é desenrolar o tempo, a duração, dissemos. Caberia perguntar o que se desenrola: como se pode explicar que a vida seja assim e deva ser assim? ...Os naturalistas nos dirão que aquilo que caracteriza o tecido vivo, a vida, é a hereditariedade, a transmissão de qualidades, a faculdade de transmitir, em estado de tendências inatas, as experiências acumuladas; é a memória organizada. Viver, portanto, é primeiramente armazenar sobre a rota do tempo essa experiência, e, depois, transmiti-la. ...Assim, a vida orgânica parece tender a este resultado: condensar o máximo possível de passado para permitir-lhe desenrolar-se no tempo. ...Esse exame revelará uma distância entre o movimento e o pensamento que não pode ser superada. Se assim for, é preciso que o movimento exista realmente (Bergson, 2022, p. 38-39).

Para considerarmos o problema do Tempo temos em mente que diversos outros filósofos, de diferentes períodos históricos e sob as mais distintas concepções, dedicaram-se a refletir sobre ele e buscaram desvendá-lo. Portanto, sabemos que grandes pensadores se debruçaram sobre essa questão, desde Santo Agostinho, Platão e Aristóteles até Kant, Hegel, Ricoeur, Elias e Bergson. Com isso, a grande questão de Agostinho cabe-nos sempre como uma luva: “O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu o sei; mas se quiser explicá-lo a quem me fizer essa pergunta, já não saberei dizê-lo” (Agostinho, 1988, p. 278).

Para exemplificar nossa atuação sobre o Tempo contemporâneo, o autor Sidney Barbosa traz a percepção sobre o Deus Chronos, que, num gesto desesperado, devorava seus próprios filhos. De modo que “Nós, os filhos atuais do Tempo, seus herdeiros, continuamos sendo devorados por ele dia a dia, no ritmo, na cadência e na velocidade que ele (ou seremos nós

mesmos?) nos impõe, no presente e nos momentos que virão” (Barbosa, 2009, p. 120). Ainda segundo o autor:

Nos dias atuais, o tempo se apresenta como o bem mais precioso de que dispomos em nossa cultura para levarmos a cabo as finalidades da vida; ele atua como um vício devastador: necessitamos dele cada vez mais, que, por sua vez, custa cada vez mais caro à nossa felicidade. [...] Na nossa aceleração pós-moderna, literalmente encurtamos nossas vidas com excesso de vivências e o ritmo que a era tecnológica nos proporciona. O que o indivíduo medieval ou mesmo do Renascimento necessitava dias, às vezes anos, para realizar, hoje fazemos em poucos segundos com nossas máquinas geniais (Barbosa, 2009, p. 120).

Sabemos que pensar o Tempo em qualquer das suas dimensões é algo indiscutivelmente diverso e estamos assim movidos por seus vieses infundos. Porém, a Literatura pode nos proporcionar embasamentos na recuperação de nossa própria visão de mundo diante das atuações em que nos situamos. No desenvolvimento deste breve estudo estabelecemos um diálogo entre a ficção literária e as demais teorias aqui propostas.

Para Sidney Barbosa:

A Literatura, em que pese o seu descompromisso com o mundo objetivo, ficando este mais a cargo do jornalismo e da História, entre outras possibilidades, passa a desempenhar um papel altamente concreto em nossas vidas. Salvar-nos do tédio, da rotina, ajudando-nos, pela evasão, a levar às costas a pesada cruz que devemos carregar sempre, qual seja a maldição de sermos efêmeros, limitados severamente na nossa presença no mundo. Portanto, é pela representação ficcional que nos compensamos, por alguns momentos, da insatisfação com o real. [...] Para isso, fazemos, seja como autores literários, seja como “consumidores” desta modalidade artística, uma alteração harmoniosa do mundo, que nos satisfaz e nos completa (Barbosa, 2009, p. 123-124).

Pensar a dinâmica do Tempo sob as compreensões acima é fazer um esforço de consciência para distinguir o seu movimento, ou a sua duração, no espaço externo e interno, ou seja, a sua duração enquanto prática exterior (a aparente) e interior (a

psicológica; ou a da memória). Com esse entendimento, diremos que há continuidade no desenvolvimento do Tempo, pois, se não houvesse um desenrolar da ação narrativa, haveria apenas um presente eterno. Assim, supor a passagem do Tempo é supor a consciência de momentos que se sucedem, seja, aqui, na teoria ou na ficção literária.

Com essa dimensão acerca do Tempo e da Literatura, apresentamos a seguir um estudo entre as obras *Futuro ancestral*, de Ailton Krenak, e *O antigo futuro*, de Luiz Ruffato, as duas publicadas em 2022.

Perspectivas dialógicas entre *Futuro Ancestral* e *O Antigo Futuro*

Segundo Bergson, “Por toda parte em que há sobrevivência do passado no presente, há consciência. ...Há sempre continuidade do passado no presente; as partes da vida se prolongam, se penetram, se determinam” (Bergson, 2022, p. 84-85).

A primeira perspectiva dialógica que se apresenta aqui é justamente a similaridade ou o paradoxo entre a dimensão que se hipostasias, como sentidos do Tempo, de um futuro que se percebe ancestral e de um possível antigo futuro.

Escolhemos citar aqui um trecho de cada uma das obras para que possamos relacioná-las. Krenak inicia a escrita filosófica com a seguinte reflexão: “Se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui. [...] Todos aqueles que somos capazes de invocar como devir são nossos companheiros de jornada, mesmo que imemoráveis” (Krenak, 2022, p. 11). Já Ruffato, em sua narrativa de ficção - que é formada por uma não linearidade na transição dos acontecimentos - escreve no fechamento do capítulo I (que vem a ser o último), no trecho intitulado “O futuro”, a seguinte passagem: “Então, Abramo ouviu o pai, num último esforço, sussurrar, mirando o vazio, – Amanhã é futuro, para nós não há futuro [...]” (Ruffato, 2022, p. 218).

Vimos nas duas citações concepções distintas de entendimento do Tempo.

Para Krenak, nossa ação no tempo está necessariamente relacionada à de nossos ancestrais, ou seja, a personificação do futuro está intimamente conectada ao registro de nossos antepassados. O autor exemplifica essa noção a partir de uma percepção sobre a importância sagrada entre o indígena e os rios. A esse entendimento podemos abranger em especial as confluências entre o homem e os elementos da natureza, tal qual uma simbiose. Quanto a Ruffato, o autor constrói uma narrativa composta por imigrantes e descendentes italianos que se estabelecem no Brasil com esperança de alcançar um futuro mais promissor que aquele vivenciado em sua terra natal. A aparição dos personagens segue uma linha de tempo que se apresenta do presente para o passado, ou seja, os quatro capítulos que compõem a obra são descritos em ordem regressiva e em conexão uns com os outros. No entanto, a afirmativa de desesperança relacionada à prospecção de sua linhagem familiar leva a crer numa dinâmica ausente de grandes mudanças, em especial socioeconômica.

Vimos que tanto para Krenak quanto para Ruffato o “futuro ancestral” e “o antigo futuro” estão intrinsecamente relacionados à dimensão entre ascendência e descendência; temos, então, a similaridade. Porém, para a concepção indígena de Krenak essa tessitura está baseada na herança histórico-cultural transmitida entre as gerações por meio de um conceito sagrado entre homem e natureza. Mas na visão de Ruffato a referência será em especial a da sociedade de consumo, ou seja, aquela que percebe a passagem temporal como uma oportunidade de crescimento econômico na transição entre as gerações. Temos então o paradoxo suplantado pelas visões dicotômicas entre o homem indígena e o homem branco.

No último capítulo da obra *Futuro Ancestral*, intitulado “O coração no ritmo da terra”, Krenak irá discorrer sobre a relação entre educação e futuro. Em seu entendimento, o que nós (seres inseridos no contexto de uma sociedade capitalista) estamos

criando como noção de futuro está totalmente equivocado. Para ele, nós estamos formatando nossas crianças desde o primeiro período de suas vidas. Não estamos permitindo que elas aprofundem o que há de mais significativo nelas, ou seja, sua essência, seu ser, sua existência. Temos afã por fazer com que nossas crianças projetem futuros inexistentes, pois, segundo Krenak, “dizer que alguma coisa vai acontecer no futuro não exige nada de nós, pois ele é uma ilusão” (Krenak, 2022, p. 96-97).

Essa urgência em formar pedagogicamente a infância para uma projeção no futuro está criando seres com bases fragilizadas e, em consequência, tem gerado jovens adoecidos mentalmente. Para Krenak, com a vivência da infância encurtada, baseada, em principal, no uso excessivo de telas, temos como resultado a ausência do fantástico ou da imaginação. Em lugar de proporcionar experiências criativas, estamos oferecendo dinâmicas de produção. Não educamos para a convivência colaborativa, e sim para a competitiva. Formamos indivíduos, e não comunidades.

Segundo Krenak é preciso sentir a experiência de vida como uma comunhão entre todos os seres, ou seja, homens, vegetais, minerais, animais, somos todos partes de um mesmo organismo maior que é a Terra. Habitar esse lugar deveria ser o sentido na valorização da vida como um dom. Para o autor, “não tem nenhum lugar no mundo onde só cabe um; sempre cabem todos” (Krenak, 2022, p. 105-106).

A vivência indígena persiste como uma experiência de cooperação, pois não educa crianças para que sejam vencedoras em algo, mas para serem companheiras umas das outras e aprenderem que não estão sozinhas no mundo, mas que são sujeitos coletivos. Além disso, segundo Krenak, “As crianças Krenak anseiam por serem antigas. (...) não veem a velhice como uma ameaça, mas como um lugar almejado, de conhecimento. (...) Por fim, seu mistério está no legado que passa de geração para geração” (Krenak, 2022, p. 117-118).

Tratemos agora da obra *O antigo futuro*, de Ruffato. Ainda retratando o capítulo I, apresentamos o personagem Abramo

Bortoletto – filho de Giovanni e Angelina, imigrantes italianos que viriam buscar a sorte no Brasil. Inicialmente, responsável pelo encaminhamento do futuro dos irmãos após a prematura e fatídica perda dos pais, Abramo constitui família somente após cumprir a promessa feita ao pai em seu leito de morte. Com isso, numa época em que o matrimônio era algo realizado como base em uma negociação, Abramo casa-se com Emma.

A presença de Emma na vida de Abramo foi um acontecimento *sui generis*. Após encaminhar o casamento da irmã, o personagem dá a entender ao *siór* Marcato – sogro de sua irmã – que também procurava para si uma esposa. Sem combinar, o *siór* Marcato aponta Emma – filha do vizinho - entre as demais mulheres num pátio, comunicando a Abramo que ela ainda estava desimpedida. Após a apresentação de Abramo ao pai da moça, de imediato aquela regressa à casa comprometido. Porém, aquela mulher emanava um sentimento de imigrante com espírito triste e distante.

Emma não aprendera a falar português. Abramo achava que ela lembrava sua mãe, o jeito seco e introvertido. Na hora da mudança, tivera quase que ser arrastada, tão arisca, e demorou dias para compreender o significado das núpcias. ... Exilada, suspirava, saudades do lugar de origem... e agora o que avistava na longa trilha a ser percorrida eram as pegadas de sua mãe, que deviam confluir para as de sua avó, de sua bisavó, de todas antes dela, mulheres destinadas unicamente a botar filhos no mundo e vê-los partir, um atrás do outro, até um dia, esgotadas, expirarem” (Ruffato, 2022, p. 202-203).

O recente casal adquire uma parcela de terra, na qual abrigaria a família, constituiria a Fazenda Preciosa e veria os filhos crescerem. Pouco a pouco, alguns filhos de Abramo tomam diferentes destinos. Enquanto os filhos Bartolomeu e Savério se aproveitam da falta de ambição dos demais irmãos para se aposarem das suas parcelas de terra, os outros seis filhos seguem cada um o seu caminho. Abramo, após sofrer um acidente provocado por um cavalo, fica internado num hospital e depois, perdendo o gosto pela vida, amarga seus dias até a morte.

Queremos aqui trazer outros trechos das partes finais de cada capítulo, como já fizemos a exemplo do capítulo I. E continuamos a fazer isso na ordem contrária do livro. Dessa forma, apresentamos do capítulo II, no trecho intitulado “Futuro do pretérito”, o fechamento com a seguinte passagem: “Então, Aléssio acompanha o Impala vermelho embicar para o Centro, aspira o ar quente da noite escura, e, preocupado com as crianças em casa sozinhas, toma apressado a calçada, rumo ao futuro” (Ruffato, 2022, p. 192). Tal passagem representa uma situação que narra a breve conversa entre Aléssio e o médico responsável pelo parto de seu filho caçula. Após complicações e angústias vivenciadas tanto pela mãe quanto pelo pai, o parto termina com um bom presságio.

Falemos um pouco de Aléssio. Filho de Abramo e Ema. Irmão caçula de outros quatro irmãos e três irmãs. Aléssio definiu desde cedo que “se constituísse um lar, faria tudo diferente”, pois em sua lembrança quase nunca ouvira risos na casa de origem, “[...] onde se cultivavam economia de palavras e austeridade nos gestos” (Ruffato, 2022, p. 177).

Em Juiz de Fora, Aléssio, desde os nove anos de idade – quando acompanhou os pais até uma estação de trem – mantinha a ideia fixa de que assim que completasse a maioridade iria embora da erma fazenda em que morava com a família. Sua infância solitária – era o responsável por pastorear o gado no alto da colina, o que o mantinha distante dos outros irmãos durante as demais tarefas rurais – fez crescer em seu íntimo um desejo de buscar por novos caminhos.

Ao completar dezoito anos, Aléssio partiu para Cataguases - cidade que prometia muitas oportunidades de emprego. Logo, ele estaria trabalhando numa fábrica onde conheceria Constança. Apaixonaram-se e casaram-se em seguida, numa cerimônia simples. Da união nasceram uma menina e quatro meninos.

Mas, Aléssio demonstrava um comportamento inconstante, não se mantinha por longo tempo em nenhum ofício. Era sonhador. Empreendia diferentes projetos, começando-os e terminando-os em poucos meses. Constança passou a ser o

esteio da casa. Aléssio, apesar de manter bons relacionamentos com representantes políticos – afirmava que com isso conseguira muitos favores para a família – era desacreditado pela esposa e pelos filhos.

Quando os filhos de Aléssio e Constança, um a um, saíram de casa, mudaram-se para outras cidades e formaram suas próprias famílias, o casal ficou cada vez mais solitário. Já idoso, Aléssio sofreria de *Alzheimer* e Constança amargaria a distância dos filhos; o único que ainda aparecia em raras ocasiões era Gilberto. O sonho de construir laços de união indissolúveis não aconteceria naquela geração dos Bortoletto.

A partir disso, retratamos parte do capítulo III, no fechamento do trecho intitulado “Futuro do subjuntivo”, a passagem de outro personagem:

Dagoberto se assusta, levanta da poltrona verde, suspira, prepara-se para chamar Giza, as crianças, as coisas vão dar certo, ele pensa, daqui a pouco o táxi contratado encostaria para levá-lo ao aeroporto de Cumbica, as coisas têm de dar certo, ele repete, têm de dar certo (Ruffato, 2022, p. 145).

Vimos nesse término um momento de esperança do personagem, que, apesar dos altos e baixos vivenciados em família, tenta se desvincular do sofrimento.

No entanto, durante o capítulo que retrata Dagoberto, quarto representante da linhagem da família Bortoletto, acompanhamos uma trajetória que apresenta, em diferentes situações, as incertezas tecidas por um personagem sem grandes vitórias na passagem do Tempo. Dagoberto (filho de Aléssio e Constança, irmão de Betina, Roberto, Gilberto e Heriberto) formou-se torneiro-mecânico pelo SENAI (em Cataguases) e, após mudar-se para São Paulo, empregou-se na Fábrica *Voith*.

Dagoberto, enquanto adolescente, almejava construir laços de amizade duradouros e, apesar da timidez, participava de um grupo de jovens da igreja nomeado JUAC (Jovens Unidos pelo Amor em Cristo), liderado pelo padre missionário Roland,

que devido ao comportamento revolucionário – em que realizava ações de inclusão das minorias – fora perseguido e considerado inadequado para a missão religiosa. Na memória de Dagoberto, a fase vivenciada no JUAC era a sua mais feliz lembrança.

Ao mudar-se para São Paulo em busca de um emprego que possibilitasse uma progressão na vida, Dagoberto conhece Adalgiza (Giza) e, após um breve período de namoro, os dois se casam. Da união nascem três filhos: Bruno, Jaqueline e Alex. O casal vive por poucos anos em harmonia. Giza, acometida por profunda depressão e graves variações de humor, em visível sofrimento mental, abandona a família quando Alex (o caçula) estava com apenas quatro anos de idade. Depois desse ocorrido, Dagoberto se reanima somente quando Bruno e Jaqueline se casam e lhe proporcionam a alegria com a chegada dos netos. Esse fato foi como uma injeção de ânimo para Dagoberto. Ele vivencia uma rotina de verdadeira atividade em família, desde reparos constantes no prédio em que cada filho ocupava um andar com sua nova família, até a passagem para consultar sobre a fêria do dia na lanchonete (situada no térreo do edifício) administrada por Bruno e o genro.

Mas o destino de Dagoberto sofreria outra perda irreparável: uma tragédia tiraria a vida de um filho e do genro; foi o peso de misericórdia para todos. A partir de então, a tristeza reinaria naquela casa. Uma passagem da obra também retrata a angústia de Dagoberto quando pensa nas suas raízes, “Agoniado, Dagoberto contempla o caminho percorrido e enxerga apenas um rastro informe, como se trouxesse amarrado ao cóis da calça um galho que desmanchava suas pegadas à medida que os pés as imprimiam.” (Ruffato, 2022, p. 123).

Vimos no personagem Dagoberto a desesperança com o silêncio da longa trajetória solitária, pois, após sua ida para São Paulo, somente o irmão Gilberto mantinha raras aparições em sua vivência; a família que formara com Giza fora se desfazendo pouco a pouco. Dagoberto pretendia formar uma família unida, com vínculos inquebráveis, feliz e alvoroçada, sempre repleta de conversas para aplacar a solidude que marcara sua

infância. Mas, o grande entusiasmo de trilhar um caminho oposto àquele percorrido pelas inconstâncias do pai terminou num projeto frustrado.

Por fim, citamos do capítulo IV, no fechamento do trecho intitulado “Futuro do presente”, a passagem sobre outro personagem: “Mas, quando a sós, como agora, ele se deparava com a árdua realidade, fundada em sobressaltos e ansiedade, abandonava toda esperança. Alex já não conseguia olhar para o futuro, pois sabia que não há nada lá” (Ruffato, 2022, p. 71). Aqui, o personagem demonstra total desencanto com sua realidade, numa dinâmica vivenciada exclusivamente baseada na monetização do seu trabalho. Num país estrangeiro, longe dos familiares, após tantas decepções, Alex não vislumbrava perspectiva de mudança.

O personagem Alex representa na narrativa um imigrante ilegal nos Estados Unidos que, como a grande maioria dos imigrantes, sai em busca de estabilidade econômica tanto para eles quanto para suas famílias. Numa pátria que não é a sua, Alex enfrenta uma enormidade de infortúnios, tais como a não compreensão da língua estrangeira, a dura adaptação ao clima, o trabalho pesado e a difícil inserção social.

Durante o capítulo IV vimos o desenrolar da sina dos trabalhadores informais brasileiros nos EUA, com uma presença marcada por sua valoração no mercado econômico, nos quais os personagens são vistos pela soma que recebem, sendo que cada ocupação ganha destaque apenas a partir da quantia registrada. Ajudante de cozinha (treze dólares a hora); *Housecleaner* (cento e setenta dólares por dia); *roommate* (vinte e três dólares a hora); *helper* (oito dólares a hora); *brickeiro* (vinte e cinco dólares a hora); *baby-sitter* (dezesseis dólares a hora). Cada uma dessas ocupações retrata personagens que nutrem a esperança de que a terra estrangeira supra a carência que a pátria de origem não conseguiu suplantar.

Alex é um personagem emblemático e taciturno, o caçula de três irmãos; abandonados pela mãe, passaram a viver uma rotina sem quaisquer vestígios da breve presença dela,

pois o pai, Dagoberto, tratou de apagar do lar e da lembrança dos filhos a mais recôndita memória de Adalgiza, destruindo fotografias, substituindo objetos, mobília e o mínimo de resquício que pudesse haver de sua passagem pela família.

Agora, contando pouco mais de três anos nos Estados Unidos, uma única lembrança marcava a memória de Alex. Um acontecimento que durou menos de um minuto se prolongou no Tempo, “simultaneamente suspenso e alargado” (Ruffatto, 2022, p. 17): a morte do irmão, Bruno, e do cunhado, Vânderson, num trágico desfecho que seria o motivo para o êxodo do personagem.

Entendemos, aqui, como o Tempo interior de Alex, ou seja, o psicológico, é composto por uma interminável angústia. O personagem não vislumbra um retorno à Pátria mãe, pois não encontra uma memória afetiva que o impulse ao reencontro familiar. O irmão e o cunhado foram assassinados, o pai está acamado após um derrame, a irmã sofre de depressão e enclausuramento, a cunhada desdobra-se em cuidados pelos filhos, pelo sobrinho e pelo sogro, e as altas despesas econômicas necessitam das constantes remessas de dinheiro enviadas por Alex à família. Desse modo, resta ao personagem uma possível relação amorosa com a colega Kate – também imigrante brasileira –, que conhecera durante visitas a uma comunidade religiosa.

Nas supracitadas citações de *O antigo futuro* as referências demonstram diferentes nuances relacionadas ao Tempo. Giovanni, Abramo, Aléssio, Dagoberto e Alex são membros das cinco gerações dos Bortoletto. Durante a narrativa notamos que tais personagens buscaram construir um futuro desassociado de seus antepassados, pois desde a imigração ou as migrações ou, ainda, a emigração que aconteceram ao longo da narrativa notamos uma busca pela emancipação, tanto financeira quanto familiar.

Porém, em oposição à postura desses personagens masculinos, as esposas, nas raras passagens, demonstram nutrir um desejo de reconstituir tais vínculos, desde a personagem Angelina (que desistiu de viver pouco tempo após chegar ao Brasil, pois

atormetava-se por ter abandonado os entes queridos na Itália), até Emma, Constança e Aldalgiza. Essas quatro mulheres representam alimentar afeto por seus familiares a tal ponto que não se conformam com a distância criada por suas vivências.

Seguem alguns trechos demonstrativos: “Giza principiou a desescalada, como se a irmã, mais velha, funcionasse como esteio para ela” (Ruffato, 2022, p. 113); a irmã, único laço proveniente de sua família de origem, era a base da alegria da personagem Giza; “Constança não se conformava com a solidão dos filhos, sem primos, sem tios, sem avós. Se, do lado dela, trágicas circunstâncias determinaram o afastamento, do lado dele (Aléssio) parecia apenas capricho” (Ruffato, 2022, p. 175); “Não devemos nos afeiçoar a nada nem a ninguém, quanto mais a bicho... Assim se sofre menos” (Ruffato, 2022, p. 184); após perder contato com os laços de sangue, Emma mostra-se endurecida pelas ocasiões; “(Angelina) Por dentro, dilacerava-se, abandonaria, para todo o sempre, os entes queridos em Borgoricco, nunca mais abraçaria os pais, nunca mais as vistas assentariam sobre os campos primaveris inundados de margaridas [...]” (Ruffato, 2022, p. 206).

Entendemos a partir dessas observações que os personagens representam diferentes posturas ante o decorrer dos acontecimentos, pois enquanto os homens buscam independência e trilham um caminho próprio, as mulheres almejam um resgate afetivo com os antecedentes familiares. E, como o desejo dessas mulheres não se concretiza, cria-se um abismo entre as gerações, resultando numa representação que, no percurso de cem anos, retrata cinco gerações em desencontro no decorrer do Tempo.

Considerações finais

Este breve estudo teve como intuito estabelecer caminhos dialógicos entre *Futuro ancestral* (narrativa filosófica) e *O antigo futuro* (narrativa de ficção). Cada uma das obras abor-

da o Tempo em diferentes direções. Vimos que para Krenak o Tempo e sua passagem estão intimamente engendrados por uma dinâmica cósmica de ascendência e descendência, seja ela entre humanos ou entre demais organismos vivos. Já Ruffato apresenta o Tempo e sua passagem abrindo espaço para tratar da representatividade plasmada por imigrantes que vieram ao Brasil em busca de um sonho, na ilusão de um futuro vindouro.

Para Bergson, “Não há na ciência nenhum meio para estabelecer que dois tempos são iguais. (...) A igualdade de duração é aqui sempre convencional. Já a consciência declara que dois dias são mais ou menos os mesmos. O movimento da Terra é uniforme, diz a consciência” (Bergson, 2022, p. 92).

Com a afirmação acima, entendemos as obras aqui retratadas em suas assíncronas e, também, síncronas passagens do Tempo. Vimos que o Tempo da experiência externa das gerações dos Bortoletto foi posto em dinâmicas únicas; porém, o Tempo de suas memórias internas esteve particularmente inter-relacionado. Plasmada numa passagem que abarca exatos cem anos, a narrativa captura movimentos que parecem formar círculos fechados e repetitivos. Quanto mais os personagens buscam se afastar dos acontecimentos vivenciados por suas raízes familiares, mais parecem assemelharem-se a elas.

Algo parece estar alinhado naquela geração familiar. A transição migratória abarcada desde a Itália, para chegar a Juiz de Fora, seguir para Cataguases, partir para São Paulo, até chegar aos Estados Unidos da América, somente confere essa busca constante pela mudança espacial. Mas a mudança que se busca como destino não se faz no interior dos personagens; suas memórias geracionais estão presentes e repetem-se no Tempo.

Pensem agora na obra de Krenak – que fortaleceu o diálogo aqui proposto – e em sua abordagem teórica tão distante da de uma sociedade capitalista. Seremos nós tão desapagados de nossos ancestrais? Ou vivenciamos uma dinâmica social que nos leva a crer nesse desenlace? Somos produtos do meio ao longo do Tempo ou somos seres dentro do meio com o Tempo? São questões para reflexão de todos nós, indepen-

dentemente de nossas raízes ou ainda a partir delas. Não podemos ignorar os diversos intelectuais que já pensaram o Tempo. Tempo há de ser vida, mesmo que também seja ele dinheiro.

Cem anos parecem-nos pouco Tempo, mas podem ser muito quando pensamos numa única pessoa e no que ela pode realizar na Sua passagem, seja ele o Tempo da vida e suas histórias, ou de quantas histórias ficcionais podemos criar ao longo Dele, ou quantas ações Históricas vivenciamos em Sua duração, ou na infinitude que permeia uma memória psicológica dentro Dele, ou nos inúmeros movimentos criados a partir da Sua energia propagada no espaço, ou, enfim, quando a consciência nos permite o preenchimento de alguns dias com a leitura de incontáveis obras literárias, podendo acessá-las dentro daqueles almejados cem anos, tanto na sua duração quanto na sua abstração Temporal.

Afinal, encerramos esse diálogo que pensou o Tempo em aspectos literários, filosóficos e ficcionais com a seguinte frase: “O instante enquanto realidade intangível é povoado de agoras em permanente fluir. Pleno de ambiguidades e enigmas, é impossível dominar o Tempo através de qualquer racionalidade ou sistematização” (Santos; Oliveira, 2001, p. 56).

Referências

- BARBOSA, Sidney. Escrituras e leituras do tempo no universo literário. In: PRIPAS, Sergio (org.). *Cronos ensandecido: sobre a agitação no mundo contemporâneo*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- BERGSON, Henri. *A ideia de tempo: Curso no Collège de France (1901-1902)*. Tradução Débora Morato Pinto. São Paulo: Editora Unesp, 2022.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. 9. ed. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 1988.

SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais*: introdução à teoria da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RUFFATO, Luiz. *O antigo futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.